

O comparatismo franco-brasileiro sob o signo da antropofagia, da transculturação e da transferência cultural

Sandra Nitrini

Teoria literária e Literatura Comparada – FFLCH - USP

Resumo

Trata-se de reflexões sobre a validade dos conceitos de antropofagia, transculturação e transferência cultural para se estabelecerem relações entre as literaturas do Brasil e da França. Esses conceitos unem-se em torno da recusa da ideia de modelo e na perspectiva de um processo dialético entre os elementos em relação, mostrando-se operatórios para os estudos comparatistas entre as literaturas brasileira e francesa, no contexto do atual mundo globalizado. Entretanto, é preciso reconhecer que a relação entre essas literaturas são ainda dissimétricas.

Palavras-chave: Relações Brasil-França; antropofagia; transculturação; transferência cultural; literatura; cultura.

Résumé

Il s'agit de réflexions sur la validité des concepts d'anthropophagie, transculturation et transfert culturel pour la mise en relation des littératures du Brésil et de la France. Ces concepts s'unissent autour du refus de l'idée de modèle et dans la perspective d'un processus dialectique entre les éléments en relation, en s'avérant opératoires pour les études comparatistes entre les littératures brésilienne et française, dans le contexte de l'actuel monde globalisé. Cependant, il faut reconnaître que la relation entre ces littératures se trouve encore en dyssymétrie.

Mots-clé: Relations Brésil-France; anthropophagie; transculturation ; transfert culturel ; littérature; culture.

Abstract

These are reflections on the validity of the concepts of anthropophagy , transculturation and cultural transference of determining connections between the literatures of Brazil and France. These concepts unite around the refusal of the idea and model from the perspective of a dialectical process between the elements in relation, being operative to comparatist studies between Brazilian and French literature, in the context of today's globalized world. However, we must admit that the relationship between these literatures are still dissimetric.

Keywords: Brazil-France relations; anthropophagy; transculturation; cultural transfer; literature; culture.

Farei algumas considerações sobre os conceitos de antropofagia, transculturação e transferência cultural com o intuito de examinar a pertinência dos mesmos para embasar projetos sobre as relações entre literaturas do Brasil e da França. Sabe-se que o lugar de onde se fala modula a perspectiva que ilumina o objeto de estudo. Por isso, julgo oportuno assinalar minha condição de comparatista brasileira que se dedica às relações Brasil-França, no âmbito do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e do Grupo de Pesquisa Brasil-França da USP.

Convém lembrar que esses conceitos surgiram ao longo do século XX: antropofagia nos anos 20, transculturação, nos anos 40 e transferência cultural, nos anos 80. O primeiro é oriundo do Movimento Modernista Brasileiro, ligado ao Manifesto Paul Brasil e, sobretudo, ao manifesto Antropófago e ao nome de Oswald de Andrade; o segundo foi criado por Ferdinand Ortiz no seu famoso livro *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco* (1983); o terceiro foi elaborado por Michel Espagne e M. Werner, em 1983, a partir de um projeto no âmbito dos estudos franco-alemães e do Grupo de Pesquisa sobre as transferências culturais no quadro da Escola Normal Superior e do CNRS. Ressalte-se, no entanto, que Espagne e Werner imputam à noção de transferência cultural mais o estatuto de método do que o de um corpo doutrinário. No entanto, mantereí o termo “conceito”, quando me referir à transferência cultural, pois foi como tal que esta noção integrou o tema proposto por Jean Claude Laborie para este artigo.

Por que tais conceitos são válidos, no meu entender, para embasar estudos sobre as relações culturais e literárias entre Brasil e França nos dias atuais? Adianto minha resposta: esses conceitos se unem na recusa da ideia de modelo e na perspectiva

de um movimento dialético entre os elementos em relação, mostrando-se operatórios para os estudos das relações entre as literaturas brasileira e francesa, no contexto do atual mundo globalizado. Mas é preciso reconhecer que a relação entre essas literaturas ainda são dissimétricas.

Tais conceitos não surgiram no âmbito de teorias específicas da Literatura Comparada, ou pelo menos, no espaço de uma reflexão específica sobre Literatura Comparada, como um campo de saber institucionalizado. É preciso reconhecer, no entanto, que a noção de “transferência cultural” questiona a historiografia comparada e suas demarches metodológicas, próximas ao comparatismo paralelístico dos anos 60, 70, como podemos verificar no Capítulo II, “Au-delà du comparatisme”, do conhecido livro *Les transferts cultures franco-allemands*, de Michel Espagne (1999).

O fato de tais conceitos terem surgido em campos diferentes. de um lado, traz ganhos para a Literatura Comparada, e de outro, é-lhe insuficiente, sobretudo quando estudos comparatistas textuais, intimamente ligados à criação literária, constituem o objeto específico de um trabalho ou de um projeto mais amplo.

Traz ganhos porque inclui a Literatura Comparada no campo de discussões mais amplas sobre as relações entre culturas diferentes, aproximando-a de outras ciências humanas, como a antropologia, a etnologia e a sociologia. Não cito a história, porque a Literatura Comparada esteve vinculada a este campo de saber, desde que surgiu como disciplina, no século XIX.

Um parêntesis: não esqueçamos o ensinamento de Edward Said (1983) sobre as teorias que viajam. Há a necessidade de se especificar os tipos de movimento que são possíveis na passagem de um lugar para outro e de uma época para outra, para se verificar se uma ideia ou teoria ganha ou perde a força, e se uma

teoria em determinado período histórico-cultural nacional torna-se totalmente diferente em outro período e situação nacional.

Outro parêntesis: não esqueçamos também que todas as teorias têm seus limites e são passíveis de críticas.

Das reflexões sobre as relações culturais e literárias entre ex-colônias e ex-metrópoles e outros países hegemônicos, no âmbito do comparatismo pós-colonial de países que se tornaram independentes em meados do século XX, surgiram conceitos como “mestiçagem”, “hibridismo” e outros, ancorados na antropologia e na sociologia. Conceitos que questionam a direção unilateral e impositiva nas relações entre culturas diferentes, sobretudo quando se trata de culturas de países e de grupos em franca dissimetria econômica e política.

Esse questionamento já aparece anos antes nos conceitos de “antropofagia” e de “transculturização”, no âmbito de reflexões sobre relações culturais entre países da América Latina e países hegemônicos da cultura ocidental, dentre os quais se sobressai a França, que desempenhou um papel importantíssimo como mentora cultural e literária desses países, a partir de sua independência da Espanha e de Portugal, no decorrer do século XIX até meados do século XX.

Dentre os que se interrogam sobre a validade do conceito de antropofagia hoje, alinho-me com aqueles que se posicionam a seu favor, sem nenhuma intenção de polemizar com posições contrárias. Questionamentos são necessários para enriquecer nossas reflexões. Da vasta bibliografia sobre a antropofagia oswaldiana, vou me apoiar nos escritos de João Cesar de Castro Rocha. Este intelectual vem se indagando há algum tempo sobre a validade da teoria cultural oswaldiana e sobre a possibilidade de convertê-la numa forma crítica de entendimento da realidade contemporânea, na linha de Edward Said sobre as teorias que viajam.

Antes, porém, de adentrarmos seu pensamento como estratégia argumentativa em prol da validade do conceito de antropofagia para embasar projeto comparatista brasileiro-francês, gostaria de lembrar que tal proposta não é inédita. O Projeto “Léryy-Assu” idealizado e implantado por Leyla Perrone-Moisés no Programa de Pós-Graduação de Língua e Literatura Francesas da FFLCH da USP, em 1978, conjugou a teoria da intertextualidade com a da antropofagia brasileira como um caminho para se estudar as relações culturais e literárias entre Brasil e França. Finalizado em 1990, este projeto concretizou-se em 10 trabalhos. Opondo-se, então, à Literatura Comparada tradicional que considerava as obras feitas, o alvo de Projeto “Léryy Assu” era colocar ênfase no processo de transformação dos textos. Daí a adequação da intertextualidade como um dos seus pressupostos. Por outro lado, esta teoria permitia uma visão antropofágica da Literatura Brasileira. Àquela altura, segundo Leyla Perrone-Moisés, a antropofagia era “a única teoria estética vigente no Brasil” (1982). Talvez, hoje, ela não seja a única vigente, mas com certeza mantém ainda seu prestígio e pertinência para a compreensão da realidade brasileira, uma vez adaptada aos nossos tempos.

Para isso contribui João Cesar Castro Rocha no ensaio “Uma Teoria da Exportação? Ou: Antropofagia como visão do mundo”¹, inserido no livro, *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena* (2011, pp.647-688), quando se propõe a “sacrificar a personalidade onipresente de Oswald, a fim de resgatar a potência reflexiva da antropofagia”, ou seja, “compreender a antropofagia oswaldiana como a promessa de uma imaginação teórica da alteridade, mediante a apropriação criativa da contribuição do outro” (p. 648). Um procedimento fundamental para atualizar a

¹ As ideias de Castro Rocha serão parafraseadas no espaço deste artigo dedicado à antropofagia.

leitura do *Manifesto Antropófago* consiste, na óptica do ensaísta, em “desnacionalizá-lo e desoswaldianizá-lo” (p.656) ao mesmo tempo, pois um implica o outro.

É preciso deixar bem claro que a antropofagia do Manifesto não é uma ideia original de seu autor e nada tem a ver com a identificação de um imaginário nacional. A imagem do canibalismo retornara com vigor na Europa desde a Primeira Guerra como uma forma de se “assimilar as consequências do conflito, criando uma descrição para a inversão ocorrida com o avanço da tecnologia” (p. 659). Não cabe aqui retomar várias ocorrências da metáfora da antropofagia e do canibalismo que antecederam o Manifesto Antropofágico, mas apenas enfatizar que Oswald se integra na teia dos muitos usos desta metáfora, antes e posteriormente ao seu, como vários estudos o mostram. Ainda na óptica de Castro Rocha, “enquanto boa parte dos artistas europeus somente intuía a dimensão do dilema causado pela Primeira Guerra e pelo advento das sociedades capitalistas modernas, Oswald assimilava a materialidade de suas impressões, respondendo com a sistematização contida no *Manifesto Antropofágico*, posteriormente ampliada em textos da década de 50” (p. 659). A novidade de Oswald está na inversão das trocas culturais, que tem como princípio norteador a devoração do outro, no contexto dos anos de 1920 no Brasil. Destaco algumas ideias essenciais que convergem para tese proposta de desnacionalizar e desoswaldianizar o conceito de antropofagia, tornando-o pertinente para estudos sobre os difíceis problemas de trocas culturais e poder em nossos dias.

Castro Rocha cita estudos, exposições e até romances de várias partes do mundo que tematizam a antropofagia, que refletem sobre ela ou mesmo se valem dela para nomear exposições para argumentar que não é possível reduzir a antropofagia à definição

de uma única nacionalidade. Em algumas passagens do Manifesto Antropófago, Oswald possibilita a interpretação da antropofagia como definição da identidade brasileira. Mas nos anos 50, ele procurou revê-la dentro de um arcabouço antropológico que supera os limites da identidade nacional. Considerando-se a antropofagia como um procedimento cultural “que implica uma contínua e produtiva assimilação da alteridade, trata-se, então, de um permanente processo de mudança e, portanto, de novas incorporações” (p. 666). Nesse sentido, a antropofagia “não oferece a estabilidade exigida pela noção de identidade nacional, que tende a representar-se como fixa, sempre idêntica a si própria” (p. 666). Castro propõe que “a antropofagia deve ser entendida como uma estratégia empregada em contextos políticos, econômicos e culturais assimétricos” (p. 666). O atual mundo globalizado pode propiciar uma formulação renovada da antropofagia. Mas enquanto ela não vem, penso que a leitura de Castro Rocha remoçou o conceito de antropofagia ao acentuar a sua dimensão antropológica, como forma de apropriação da alteridade, e ao desbastá-lo da ideia de identidade brasileira, nos dias atuais.

Propor esta “teoria cultural” como eventual pressuposto de um projeto conjunto sobre relações culturais e literárias entre Brasil e França não significa reproduzir o que já foi feito no passado. Significa reconhecer o vigor deste conceito, remodelado para o contexto atual, seja para tratarmos de relações entre culturas dissimétricas, seja para a usarmos como mais uma metáfora para darmos conta da complexidade do processo criador: a literatura um caso de antropofagia, ecoando a célebre formulação de Valéry: *l’originalité, affaire d’estomac* (p. 677).

Afinal a devoração do outro não é exclusiva de literaturas e culturas de colônias e ex-colônias. Não há literaturas isentas de contatos com outras literaturas. O trabalho de adaptação,

absorção e transformação é comum a todas as literaturas, por mais “remotas que sejam suas raízes e seus ilustres brasões”, valendo-nos das palavras de Guillermo Torre, proferidas em “Diálogos de Literaturas”, nos idos de 1950, no Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, em Chapel Hill (84). As diferentes modalidades de relações e absorções dependem do contexto histórico, político e econômico em que se situam as culturas e literaturas em relação.

Essa linha de pensamento é confirmada pela teoria dos polissistemas de Zohar (1990, pp. 9-94), há momentos em que a interferência externa é indispensável para a constituição de uma literatura, outros, apenas para alimentá-la ou enriquecê-la”, como é o caso das Literaturas Francesa e Inglesa, que desenvolveram seus repertórios nos últimos duzentos anos valendo-se de uma variedade de fontes externas, como as literaturas escandinava, russa, alemã, italiana. Enfim, o teor da devoração depende do jogo de forças políticas na circulação dos bens espirituais intimamente ligados às relações de força e poderes econômicos e da necessidade interna de cada sistema literário.

Diferentemente do conceito de antropofagia, cuja cidadania não se restringe a um único lugar nem a um tempo determinado, o que talvez explique sua “plasticidade teórica”, valendo-me com liberdade da expressão de Rama (1982) “plasticidade cultural”, isto é, a capacidade de uma produção literária integrar novas estruturas formais sem recusar as próprias tradições, o de transculturação tem data e lugar de nascimento : surgiu em 1940, no livro *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*, de Fernando Ortiz (1983), e mais precisamente no segundo capítulo, cujo título é “Do fenômeno social da transculturação e de sua importância em Cuba”. Ainda que o livro de Ortiz esteja no limiar entre o ensaio e a literatura, como afirma Livia de Freitas Reis, no

ensaio “Transculturização e Transculturização Narrativa” (2005, pp. 463-488), o conceito de transculturização surge com uma identidade sócio- antropológica e se propõe a abarcar e significar o encontro de povos e culturas como um processo sempre em movimento. O termo transculturização compreende as fases do processo de transição de uma cultura a outra, já que este não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, como sugere o sentido estreito do vocábulo anglo-saxão, aculturação, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desculturação, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação” (467).

Apesar de criticado por sua natureza imprecisa, este conceito integrou-se no discurso comparatista latino-americano, alinhado com o pensamento do comparatismo pós-colonial. Num certo sentido, transculturização aproxima-se do conceito de antropofagia na ideia de que o encontro de culturas é um processo sempre em movimento, com a diferença de que a antropofagia realça, no caso de trocas entre culturas dissimétricas, o papel ativo da cultura “subjugada”, enquanto o de transculturização descreve as diferentes fases das trocas entre diferentes culturas, com um certo distanciamento científico. No entanto, a neoculturação, fruto das duas culturas postas em atrito, é a fase de maior função criativa do processo de transculturização em que ocorrem perdas, seleções, assimilações e redescobertas, operadas simultaneamente, resolvidas em um amplo remanejamento cultural. A transculturização contempla, num certo sentido, a devoração, ou pelo menos, ecoa a ideia da cultura como um “caso de estômago”. Como o conceito de antropofagia, o de transculturização contempla o complicado processo criador, tanto que este último foi apropriado com as devidas modificações por

Angel Rama. Tal conceito poderia também ser conjugado, no meu entender, com a teoria da intertextualidade, se o projeto comparatista tiver como objeto de estudo textos literários.

Quanto ao conceito de transferência cultural, sua excessiva abrangência teórica deve-se à amplidão e heterogeneidade do *corpus* cultural, a partir do qual ele foi pensado e pretende cobrir. Nascida no âmbito de pesquisas sobre as relações franco-alemãs, tal noção implica um movimento de objetos, pessoas, palavras, ideias, conceitos entre dois espaços culturais (estados, nações, grupo étnicos, áreas culturais e religiosas). Privilegiando a relação entre dois sistemas autônomos e assimétricos, a transferência cultural concentra-se, sobretudo, na problemática da circulação e da recepção dos bens culturais, o que contribui para atualizar os estudos dos intermediários culturais da Literatura Comparada.

De acordo com o relatório das discussões no decorrer da Jornada de Estudo “A transferência cultural uma encruzilhada de perspectivas críticas”,² apesar das reconhecidas limitações desta noção, concluiu-se sobre sua legitimidade no âmbito das ciências sociais. E, particularmente, no que concerne o comparatismo literário franco-brasileiro, explicitou-se a extrema pertinência de uma metodologia flexível, que problematiza seus instrumentos de análise. Tentando me integrar tardiamente nesta discussão, diria que a contribuição da transferência cultural circunscreve-se ao estudo dos intermediários culturais no comparatismo brasileiro-francês. Do mesmo modo, as contribuições dos conceitos de antropofagia e de transculturação limitam-se ao estudo do ato criador. Suas insuficiências se completam, pois umas teorias preenchem as carências das outras. Longe a intenção de propor o amálgama desses conceitos. Meu propósito foi o de colocá-los em discussão e colaborar na busca das teorias mais adequadas

² De autoria de Jean Claude Laborie e de circulação restrita. Jornada realizada em Nanterre, em 27 de janeiro de 2012.

para a elaboração de futuros projetos no âmbito das relações culturais e literárias entre Brasil e França.

Bibliografia

ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris, PUF, 1999.

ORTIZ, Ferdinand. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PERRONE-MOISSÉS, Leyla. “A Nossa França”. Entrevista a Eloisa N. Silveira. *Jornal da Tarde*. Caderno de Programas e Leituras, 8 de maio de 1982.

REIS, Livia de Freitas. “Transculturização e Transculturização Narrativa”. In: Figueiredo, Eurídice (org). *Conceitos de literatura e cultura*. UfJF/ EdUFF. 2005, p.463-488.

RAMA, Angel. “Los Procesos de Transculturación en la Narrativa Latinoamericana”. In: *La novela latinoamericana 1920-1980*. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura, 1982, pp.203-290. .

ROCHA, João Cesar de. “Uma Teoria da Exportação? Ou: Antropofagia como Visão de Mundo?”. In: Ruffinelli, Jorge; Rocha, João Cezar de Castro (org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo, Realizações Editor, 2011, pp;647-668.

SAID, Edward. *The world, the text, the critic*. Harvard, University Press, 1983.

TORRE, Guillermo. “Dialogo de Literaturas”. In: *Proceedings of the Second Congresso of the ICLA*. Chapel Hill, NC. Edited by Wener P.Friederich, 1958, pp.79-88.

VALÉRY, Paul. “Tel Quel ” *Oeuvres*. Paris, Gallimard, 1960, Bibliothèque de la Pléiade, vol.2, pp. 474-781.

ZOHAR, T. Polysystems Theory. In: *Poetics Today*, vol.11, n.1, pp. 9-94